



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Discurso biomédico e/m dissidência: contradições, tensionamentos e conexões entre Sociologia e Saúde

Biomedical discourse and/in dissent: contradictions, tensions and connections between Sociology and Health Sciences

Patrick de Almeida Trindade Braga¹

A ideia deste dossiê surgiu no começo de 2024, das tessituras e discussões travadas por duas pessoas que intencionavam “abandonar” as Ciências Sociais, área na qual havíamos nos graduado e obtido a titulação de mestres, e iniciar aventuras por estudos interseccionais e interdisciplinares que articulassem nossa área de formação, tremendamente ensimesmada, a outras como as Ciências da Saúde e os estudos sobre Ciência e Tecnologia, partindo de uma noção de que, para se fazer ouvida e se tornar pertinente enquanto saber-poder com capacidade de influenciar e modificar a realidade social, a produção em Ciências Sociais deveria compreender e possuir como um possível campo o discurso biomédico, uma forma específica de saber-poder que amiúde é apresentado como possuindo um caráter neutro e tecnocrático, afastado de afetos, ideologias e preocupações mundanas. Em nossa compreensão, era necessário que nosso dossiê contemplasse trabalhos que tensionassem essa suposta neutralidade e apontasse o caráter eminentemente social desse discurso, que, em última instância, por possuir o potencial de ditar aquilo que é socialmente compreendido como normal ou patológico, pode afetar de sensivelmente a vida social, principalmente, e com efeitos potencialmente nefastos, a de sujeitos que não se encaixem na norma excludente.

Desafortunadamente, a vida levou a impactos sentidos na tecelagem do dossiê que só agora se encontra disponível para leitura: por motivos pessoais, a outra pessoa integrante proponente do dossiê precisou se afastar da organização e eu, Patrick,

¹ Doutorando em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. *ORCID*: [0000-0003-0545-5963](https://orcid.org/0000-0003-0545-5963) - *E-mail*: patrick.trindadebraga@gmail.com.

sociólogo à época recém-matriculado no doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste, na Faculdade de Medicina da UFMS, agora tinha a responsabilidade de, sozinho, continuar o projeto.

O desafio foi grande e não poderia ter sido cumprido sem a compreensão e apoio do Comitê Editorial da *Áskesis*, a quem registro meus agradecimentos. Recebemos textos de inquestionável qualidade, de autores/as extremamente perspicazes e capazes de apreender de maneira bastante singular as contradições, tensionamentos e conexões entre Saúde e Sociologia.

Começamos com o ótimo *Sentença de vida: disputando (outros sentidos sobre hiv/aids no contexto do ativismo* de autoria de Esmael Alves de Oliveira, Gabriel Luis Pereira Nolasco & Marcos Nascimento no qual os autores, de diferentes áreas das Ciências Sociais, articulam seus respectivos saberes, partindo das escrituras marcantes do sociólogo Herbert Daniel e da epidemiologista Marcia Rachid, para sentenciarem a necessidade de que enxerguemos - para além dos sentidos negativos atribuídos pelo discurso biomédico - as potencialidades de vida para as pessoas que vivem com hiv/aids (PVHA). No trabalho, a potência do querer viver encontra criticamente a medicina patologizante e ousa evidenciar como a suposta neutralidade epidemiológica é, com efeito, atravessada por relações de poder que perpetuam “desigualdades, exclusões e silenciamentos”, sendo capaz de promover a “morte civil” de pessoas cujos corpos ainda possuem vontade e potência de vida.

Em seguida, Leonardo Silveira Santos, Ruth de Souza Martins & Renilson de Brito Fagundes discutem as tensões entre as formas tradicional e moderna de se realizar partos na Amazônia paraense. Em *As mulheres só querem saber de médico: um olhar sociocultural sobre o parto entre grupos sociais tradicionais da Amazônia paraense* os autores nos levam a refletir, através de relatos etnográficos, as implicações da modernização das técnicas de parto que fazem com que cada vez mais mulheres optem por dar à luz a partir de cirurgias cesarianas, deixando de lado as parteiras cujos serviços têm sido cada vez menos requisitados. Concomitantemente, seus

conhecimentos são diminuídos por um saber-poder biomédico que se entende como única forma de epistemologia possível. Essa mudança cultural implica em um esquecimento de um grupo de mulheres possuidoras de notório saber e que, conforme apontam os autores, caso tenham seu conhecimento tradicional valorizado ainda possuem muito a contribuir para a promoção de saúde de pessoas grávidas, no puerpério e das próprias crianças recém-nascidas.

Núria Cassany Espinosa, por sua vez, é a responsável pela contribuição internacional a este número. Seu trabalho *La perspectiva de los derechos humanos aplicada a la salud LGTBIQ+*, escrito em língua espanhola, analisa a importância de se combater as desigualdades e preconceitos contra a população LGBTQIA+ para que esse grupo consiga acessar de forma mais adequada o sistema de saúde, que muitas vezes é organizado de forma discriminatória e excludente.

Por fim, terminamos os artigos com um potente trabalho de Arielli Buttarello & Jorge Leite Júnior que em *Cruzando a fronteira: identidade, poder e gênero na profissão médica* analisam as relações entre gênero e a formação da “identidade médica”. Aqui, os autores fazem uma revisão bibliográfica sobre masculinidades hegemônicas e sociologia médica para propor que o “afastamento de demonstração de sofrimentos, sentimentos e emoções”, típico da masculinidade hegemônica são também constituintes do processo de tornar-se médico, o que pode resultar em profissionais embrutecidos diante de seu próprio objeto de estudo e trabalho, a doença e a fragilidade e que se sentem deslocados quando se tornam pacientes e são vítimas da fragilidade que acomete qualquer indivíduo nessa posição.

Para além dos quatro ótimos trabalhos que compõem este número, tive o prazer de entrevistar dois pesquisadores que atualmente realizam uma das mais ousadas etnografias da qual já tive notícia em terras brasileiras: o Prof. Dr. André Luiz Machado das Neves, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Kris Herik de Oliveira, pesquisador de pós-doutorado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) são os coordenadores do PrEP América do Sul, uma pesquisa qualitativa que



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

estuda as experiências de acesso uso e gestão da Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) na prevenção ao HIV na América do Sul. Na entrevista discutimos sobre suas trajetórias na articulação das ciências sociais e a área da saúde, sobre o desenvolvimento do projeto, em seu segundo ano de existência, e sobre os desafios de se fazer ciência no Brasil contemporâneo.

Em comum aos quatro textos que compõem este dossiê, além da articulação crítica entre as Ciências Sociais e as Ciências da Saúde, temos a exploração do discurso biomédico enquanto campo de estudo potente, fértil, subexplorado e que pode (e, em minha opinião, deve) ser revisitado, problematizado e ressignificado a partir de noções das Ciências Sociais. Ao pensarmos nas Ciências da Saúde a partir de suas contradições inerentes, e também nos tensionamentos e conexões possíveis com a Sociologia e outras Ciências Sociais abre-se um mundo de possibilidades que precisa ser mais explorado. Espero que quem nos leia se inspire para (re)pensar o discurso biomédico, que com maior ou menor intensidade afeta a todos/as nós, de uma forma diferente, em articulação com a vida social e não descolada dela como a idealização tecnocrática da ciência muitas vezes o apresenta.